



O USO DOS ESPORTES ENQUANTO FERRAMENTA DIPLOMÁTICA PARA ESTABILIZAÇÃO E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS SOCIAIS E POLÍTICOS

Guilherme Reis Nothen
Aldo Antonio de Azevedo
Rafael Gauche

RESUMO

O presente texto caracteriza-se como uma investigação em andamento acerca das possibilidades de uso dos esportes enquanto ferramenta diplomática, nomeadamente do futebol, no processo de estabilização e resolução de conflitos. Neste sentido, a investigação proposta se concentra em dois casos representativos: primeiro, o jogo entre Brasil e Haiti durante a intervenção das forças armadas brasileiras naquele país; segundo, as pretensões do governo brasileiro de intervir nos confrontos do Oriente Médio. Finalmente, tecemos algumas considerações sobre os procedimentos metodológicos a serem abordados nesta pesquisa.

*Vindo das habitações cheias
Das ruas escuras de cidades em conflito
Vocês se encontram
Para juntos lutar.
Aprendam a vencer.*

Canção do Esporte – Bertolt Brecht

1 – INTRODUÇÃO

Em meio a uma nova onda de violência nos estádios de futebol do Brasil, pode parecer, à primeira vista, um verdadeiro disparate investir sobre o tema *Esportes e Paz*, tal qual pretendemos fazer. Entretanto, através de uma exposição mais profunda, poderemos demonstrar que um estudo desta natureza não só é de extrema importância dentro do atual cenário social e político brasileiro, como está ele próprio intimamente ligado aos esforços de superação da barbárie e da violência.

Neste tópico, nos deteremos inicialmente sob os acontecimentos de ordem social e política que despertaram o nosso interesse por esta temática e que, por isso, são o fundamento de todas as nossas considerações. Posteriormente, iremos abordá-los sob o viés crítico para, finalmente, procurar compreender-los em sua essência. Eis, então, os fatos:

No dia 18 de Agosto de 2004, a seleção brasileira de futebol disputou um jogo amistoso na cidade de Porto Príncipe, capital do Haiti, contra a seleção local. Naquela

ocasião, o Haiti ainda não havia sofrido os terríveis tremores de terra que comoveriam o mundo inteiro. No entanto, o país já se encontrava mergulhado em profundos conflitos políticos e sociais, decorrentes do golpe de estado que derrubou o então presidente Jean-Bertrand Aristide, seis meses antes.

Em abril daquele mesmo ano, após grande agitação política, o Brasil havia sido designado pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas para chefiar a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti, também conhecida pela sigla MINUSTAH. A respeito desta escolha, o professor Emir Sader afirma o seguinte:

Há tempo o Brasil reivindica um lugar de membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Uma política externa mais agressiva e o prestígio internacional de Lula (Presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva) levaram a uma intensificação dessa campanha, que recebeu várias adesões significativas - como as da França e da China, entre outras. No momento em que o Brasil assumiu, neste ano, o posto de membro rotativo do Conselho de Segurança, submeteu sua atuação a um teste de como se comportaria caso estivesse ali como membro permanente. [...] O governo brasileiro se viu nessa situação, como membro do Conselho de Segurança, pressionado dentro do Conselho e fora, para assumir um papel na área, substituindo os EUA. Além disso, como país importante da área latino-americana e, mais ainda, como candidato a membro permanente do Conselho de Segurança, o governo brasileiro aceitou liderar o contingente de tropas no Haiti (SADER, 2004, pg. 02).

A partida amistosa, que ficou oficialmente conhecida como o *Jogo da Paz*, integrava os esforços diplomáticos do governo brasileiro, para quem o prestígio internacional dos seus jogadores seria interpretado como sinal de boa vontade do Brasil para com o povo haitiano e, por isso, facilitaria a aceitação e a atuação das tropas militares brasileiras naquele país.

Um cortejo de centenas de milhares de pessoas acompanhou o deslocamento da delegação brasileira até o acanhado estádio Sylvio Cator, com capacidade para apenas quinze mil torcedores. Os jogadores da Seleção percorreram o trajeto a céu aberto, acomodados sobre tanques de guerra. Finalmente, o jogo transcorreu sem maiores incidentes e a equipe brasileira venceu pelo placar de 6 x 0.

Logo após a partida, o então primeiro-ministro interino do Haiti, Gérard Latortue, se refere da seguinte maneira aos acontecimentos daquela tarde:

Foi minha idéia [...] Todos diziam, Latortue ficou louco, mas... [...] Eu trouxe os deuses para o Haiti [...] Em 18 de agosto aconteceu um milagre, e eu digo a você que para nós esse dia será considerado de agora em diante como uma data da paz e da reconciliação nacional! Nós vamos ensinar português nas escolas! A partir de 18 de agosto o Haiti ingressou no caminho do desarmamento e da paz. O Haiti tornou-se uma nação. [Determinamos] a expulsão dos maus espíritos do Haiti por meio dos deuses do futebol (LATORTUE, 2004, pg. 01).

O próprio presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, passada uma semana da realização do amistoso, em discurso no Congresso Nacional de Quito, no Equador, proferiu este comentário a respeito do sucesso de tal empreitada:

Na semana passada, tive a profunda emoção de presenciar em Porto Príncipe a partida de futebol entre as seleções do Brasil e do Haiti. Naquele espetáculo o medo foi substituído pela alegria, a violência pela salutar disputa esportiva (SILVA, 2006, pg. 04).

Passados um pouco mais de dois anos daquele dia, em 14 de Setembro de 2006, na cerimônia de sanção da Lei da Timemania, em Brasília, o presidente Lula novamente deu mostras de suas pretensões diplomáticas acerca da seleção nacional, e fez o seguinte apelo ao então presidente em exercício da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), Nabi Abi Chedid:

Agora mesmo eu dizia ao Nabi Chedid, que o Líbano está precisando da Seleção Brasileira. A Seleção Brasileira vai ao Kuwait no dia 12, quem sabe, Nabi, seja importante você ligar para o Ricardo Teixeira (presidente efetivo da CBF), já que estará lá pertinho, quem sabe possa se fazer um jogo no Líbano pela paz, alguma coisa que possa simbolizar... (SILVA, 2006, pg. 6-7).

Finalmente, no final do ano de 2009, em seu próprio programa de rádio, chamado *Café com o Presidente*, por ocasião da visita ao Brasil de alguns chefes de estado do Oriente Médio, quando perguntado se já tinha alguma agenda de viagens marcada para aquela região, Lula responde conforme se encontra transcrito a seguir:

Tenho. Depois de receber os três presidentes aqui, já está mais ou menos marcado... no mês de Março eu vou visitar Israel, vou visitar a Jordânia, vou visitar a Palestina. Mais do que visitar, eu estou trabalhando, já conversei com o presidente Shimon Peres e ele concordou, já conversei com o presidente da Autoridade Palestina e ele concordou, ficaram de conversar com os seus pares quando regressarem aos seus países e me darem uma resposta, que eu tenho já há três anos o sonho de fazer um jogo da paz, sabe, num estádio que possa ser neutro, de uma seleção mista de Israel e Palestina para jogar contra a Seleção Brasileira. Eu acho que seria uma marca extraordinária para o Brasil e sobretudo um sinal muito importante para a paz, porque os jogadores brasileiros são muito conhecidos no mundo inteiro e eu acho que isso poderia mexer com a cabeça de muita gente (SILVA, 2009).

E, de fato, o presidente brasileiro pode ter esperanças que seu sonho efetivamente se realize, já que, alguns dias antes, o Presidente de Israel, Shimon Peres, durante discurso para o Parlamento brasileiro, fez as seguintes considerações:

Brasileiros e judeus têm uma herança para se orgulhar. Que clama pela paz entre os povos – não só entre governos. Neste sentido eu iniciei e estabeleci um centro que reúne as pessoas, principalmente os jovens. O centro está envolvido com a medicina e os esportes. [...] Nos esportes os principais esforços, é claro, estão no futebol. Não é só um jogo, mas um idioma de camaradagem entre diferentes povos com diferentes históricos de vida. As crianças palestinas e as crianças israelenses jogam por times não determinados por nacionalidade, mas sim por habilidade esportiva. Eu não conheço um modo melhor para clarear um caminho em direção à paz do que a competição esportiva, na qual não há vítimas (PERES, 2009, pg. 03).

Ora, mas é evidente que seria um inadequado imaginar que o chefe de estado de um país da América do Sul iria ao longínquo Oriente Médio, colocando todo seu aparato diplomático em ação, somente porque acredita, em sua opinião particular, que os esportes podem contribuir para os acordos de paz naquela região. Parece-nos inquestionável o fato de que, necessariamente, existem uma série de outros interesses envolvidos nessas práticas diplomáticas, interesses esses que, aliás, podem eventualmente inclusive sobrepujar a suposta preocupação com a promoção da paz ou do desporto. Na própria situação ilustrada acima, a respeito do Haiti, ficou claro, através da leitura do fragmento do artigo do professor Amir Sader, como todo o envolvimento da Seleção Brasileira com aquela nação tinha como pano de fundo o interesse manifesto do Brasil em ocupar um posto definitivo no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Mas esses interesses também poderiam ser de outra natureza como, por exemplo, econômicos ou culturais.

Entretanto, mesmo considerando que estes interesses paralelos possam realmente existir, o que importa perguntar é o seguinte: os esportes efetivamente desempenham um papel relevante no processo diplomático de estabilização e resolução de conflitos? Ou sua verdadeira importância só se manifesta na medida em que mascara os verdadeiros interesses que existem por detrás dessas práticas?

Naturalmente, a resposta para um questionamento desta ordem não é algo simples, e pressupõe uma profunda revisão das práticas e conceitos que sustentam essas ações políticas.

A utilização dos esportes para fins diplomáticos não é uma prática recente. Pelo contrário, sua evolução acompanha o próprio desenvolvimento do esporte moderno a partir do início do século passado, como evidenciam, por exemplo, as pesquisas de Pierre Arnaud (1998).

No entanto, a primeira grande manifestação de uma prática dessa natureza aconteceu somente por ocasião dos Jogos Olímpicos de Berlin, em 1936. Para os comandantes do regime Nacional Socialista, os jogos representavam “uma esplêndida oportunidade de demonstrar a vitalidade alemã e sua capacidade organizacional” (GUTTMANN, 1998, pg. 57). A propaganda do regime nazista logrou realizar uma cobertura tão favorável daquelas olimpíadas na imprensa, que o próprio Pierre de Coubertin, idealizador dos jogos olímpicos modernos, chegou a afirmar, em seu último discurso em vida, que “a força e a disciplina de Hitler serviram magnificamente ao ideal olímpico” (Idem, pg. 60). Na verdade, hoje se acredita que o verdadeiro objetivo do regime Nacional Socialista era promover a suposta superioridade da raça ariana diante dos outros povos e, por este motivo, os jogos de 1936 se tornaram um marco histórico na utilização dos esportes com propósitos diplomáticos (ainda que estes fossem propósitos sustentados sobre um preconceito). Para uma investigação mais profunda acerca desse tema, consultar, dentre outros, Guttmann (2000) e Krüger (1998).

Durante o período da Guerra Fria, o uso dos esportes para fins diplomáticos se tornou cada vez mais intenso. No entanto, os objetivos eram sensivelmente diferentes. Já não importava mais sustentar a superioridade de uma raça, mas de determinado regime político e ideológico. São manifestações destas práticas, por exemplo, a política esportiva de países como Cuba e a República Democrática Alemã. Para falar da importância dos esportes na agenda diplomática dos segundos, Andrew Streck (1980) cunha o curioso termo “diplomats on tracksuits” ou “diplomatas em roupas esportivas”. Tal termo define muito bem o papel que é desempenhado pelos atletas neste tipo de estratégia política.

Por outro lado, os esportes também podem ser utilizados como ferramenta para demonstrar o descontentamento de determinado país para com outro, ou mesmo representar uma represália. É o caso, por exemplo, do boicote americano e soviético aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984), respectivamente.

Segundo Barrie Houlihan (2000), a invasão do Afeganistão pela União Soviética, em 1979, foi alvo de grandes críticas na comunidade internacional, isto porque o território daquele país estava fora da tradicional esfera de influência soviética. Assim, os Estados Unidos foram impelidos a demonstrar sua desaprovação ao ocorrido sem, entretanto, afetar bruscamente “a delicada relação entre as duas superpotências” (HOULIHAN, 2000, pg. 114). Em virtude disto, “os esportes, a mais periférica e mais publicitada forma de relações internacionais, forneceu a resposta perfeita” (Idem, pg. 116).

Portanto, como atitude de retaliação à ação do governo soviético de invadir o Afeganistão, o então presidente americano Jimmy Carter ordenou o boicote aos Jogos Olímpicos que seriam realizados em Moscou, no ano seguinte. Quatro anos mais tarde, em nova retaliação, a União Soviética tomou decisão semelhante, ao boicotar os Jogos de Los Angeles.

Mas somente uma superpotência é capaz de transformar a sua ausência em determinado evento esportivo em uma represália. Isto só acontece em virtude do grande número de atletas de ponta que representam essas potências, que são, afinal, a atração principal dos jogos. A ausência deles certamente ofusca o brilho que uma competição poderia ter.

Entretanto, para a maior parte dos países, a ausência em uma determinada competição esportiva pode significar, pelo contrário, um castigo imposto àquela nação. É o que aconteceu, por exemplo, com a África do Sul, que teve a sua participação em competições internacionais proibida a partir dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, enquanto durasse o regime do *Apartheid*. O país africano só voltaria a competir em eventos internacionais em 1992, nos Jogos Olímpicos de Barcelona. Se, por um lado, a exclusão significou o rompimento dos laços da África do Sul com a comunidade internacional no âmbito dos esportes, por outro, a própria iniciativa de reintegração também simboliza, perante as outras nações, a retomada dessas relações.

Mas, dentre todas as maneiras que os esportes são utilizados sob o viés diplomático, certamente a mais comum delas é a intenção de projetar determinado país no cenário internacional. É este o caso, para citar exemplos atuais, da China ao sediar os Jogos Olímpicos de 2008 na cidade de Pequim, ou do próprio Brasil com os eventos vindouros da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

Dito tudo isto, podemos perceber nitidamente como as ações diplomáticas do governo brasileiro, no que diz respeito ao caso do Haiti e da possibilidade de intervenção no Oriente Médio, são essencialmente diferente das práticas usuais, e por isso um estudo sobre estas ações se torna tão relevante. A diplomacia brasileira difunde a idéia de que os esportes podem desempenhar papel importante na estabilização e resolução de conflitos, e o que é mais curioso é que, aparentemente, isto seria válido para conflitos de qualquer natureza. Para exemplificar, sabemos que no Haiti os conflitos são de natureza econômica e social. Entretanto, no Oriente Médio, eles são de ordem religiosa e étnica. Mesmo assim, o presidente Lula acredita que uma intervenção semelhante possa produzir resultados satisfatórios em ambos os contextos.

Deixando um pouco de lado essas questões, nos parece ainda necessário direcionar o olhar crítico para o conceito de esporte propriamente dito, para, desta forma, questionar se de fato é pertinente supor que ele engendre relações tais quais as descritas acima.

A Sociologia do Esporte Alemã nos fornece extensa bibliografia sobre o assunto e, na figura do professor Claus Tiedemann, se refere ao conceito de Esportes da seguinte maneira:

Os Esportes são um campo cultural de atividade no qual seres humanos voluntariamente se envolvem em relações reais ou imaginárias com

outras pessoas, com a intenção consciente de desenvolver suas habilidades e realizações em uma área particular do movimento e comparar a si mesmo com essas outras pessoas de acordo com regras criadas ou reproduzidas, sem intenção de machucá-las ou a si próprio (TIEDEMANN, 2005, pg. 02).

Fica evidente, através desta definição, que os esportes não são, em sua essência, violentos ou pacíficos. Sob esta perspectiva, o uso dos esportes com vistas à promoção da paz seria, em primeira análise, um contra-senso.

No entanto, é óbvio que os esportes não constituem um fenômeno social isolado do restante do mundo. Existe um grande número de pesquisas que abordam as relações que são estabelecidas entre os esportes e as diferentes manifestações sociais, como é, por exemplo, o caso da violência. Vale destacar, dentre essas abordagens, os estudos de Eric Dunning (1988), a partir do referencial de Norbert Elias, acerca do Hooliganismo enquanto fenômeno social associado ao futebol.

Isto conduz, portanto, à seguinte conclusão preliminar: Os esportes não são, em sua essência, violentos e nem tampouco pacíficos. Se, no entanto, sob determinadas circunstâncias, eles podem estar associados a ações de violência, como no caso dos Hooligans na Inglaterra, é válido afirmar que, sob as circunstâncias adequadas, os esportes também possam estar associados a ações pacíficas de estabilização e resolução de conflitos. Todos os esforços se direcionam agora, pois, à tentativa de enunciar que circunstâncias são essas.

2 – OBJETIVOS

Objetivo Geral: Compreender os aspectos sociológicos envolvidos no uso dos esportes, em particular do futebol, como ferramenta diplomática para estabilização e resolução de conflitos.

Objetivos Específicos:

- Identificar manifestações relevantes destas práticas;
- Descrever casos emblemáticos;
- Estabelecer um diálogo entre os casos analisados.

3 - METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza por ser uma investigação de natureza teórica a respeito do uso dos esportes enquanto ferramenta diplomática para estabilização e resolução de conflitos. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, que utiliza a estratégia de estudos de caso múltiplos. Esta estratégia, de acordo com Yin (2005), consiste em investigar os fenômenos dentro de seu contexto real, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Ou seja, na medida em que o pesquisador entende que contexto situacional é relevante para a compreensão de um determinado objeto.

No entanto, ao longo da história do esporte moderno, são muitos os acontecimentos desta natureza passíveis de serem investigados. Por este motivo, foi necessário realizar determinados recortes metodológicos, que representam a delimitação do nosso campo de análise. Entretanto, não se deve perder de vista que tais recortes também significam, necessariamente, limitações para a validade deste estudo.

O primeiro recorte é a delimitação do campo de análise somente à modalidade esportiva do *futebol*. A justificativa para este critério de inclusão é que o futebol, em comparação com as outras modalidades esportivas, oferece um número maior e mais variado de episódios relacionados com este tema. Além disso, a escolha de uma única modalidade esportiva facilita a coesão interna do trabalho e atribui maior validade à comparação entre os diferentes casos estudados. Naturalmente, espera-se que as conclusões deste trabalho possam ser válidas também para os esportes em geral, desde que observadas as características que são peculiares ao futebol.

O segundo recorte se refere ao número de casos estudados. Optou-se por focar apenas dois casos emblemáticos, com a intenção de que a investigação sobre cada um deles possa ser mais profunda sem, entretanto, perder a visão global do fenômeno. Segue, a seguir, a relação dos casos escolhidos:

Caso Número 1

Episódio: O amistoso Brasil x Haiti durante a Missão de Paz das Nações Unidas no Haiti em 2004.

Natureza do Conflito: Interno / Social.

Justificativa: Trata-se de um caso singular na história do uso dos esportes para fins diplomáticos, pois o Brasil é um país que estava envolvido apenas de maneira indireta no conflito.

Caso Número 2

Episódio: As pretensões do governo brasileiro de levar a Seleção Nacional às zonas de conflito do Oriente Médio.

Natureza do Conflito: Internacional / Étnico, Político e Religioso

Justificativa: Trata-se de um caso sem precedentes no uso diplomático dos esportes, pois o Brasil não possui envolvimento nenhum naqueles conflitos.

Os dois casos foram escolhidos de modo que apresentassem características originais, além de contemplarem variações significativas em sua estrutura sem, no entanto, perder de vista a unidade temática.

A técnica que será utilizada para a coleta e interpretação dos dados é a *análise documental*.

Embora pouco explorada não só na área de educação como em outras áreas da ação social, a análise documental pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LÜDKE & ANDRE, 1986, pg.38).

Segundo esses mesmos autores, “*a primeira decisão nesse processo é a caracterização do tipo de documento que será usado ou selecionado*” (Idem, pg. 40). Neste projeto, serão utilizadas como fontes de pesquisa livros, teses, artigos científicos, jornais, revistas, discursos, relatórios oficiais, documentos históricos, documentos oficiais e outros documentos afins. Em seguida,

Selecionados os documentos, o pesquisador procederá à análise propriamente dita dos dados. Para isso ele recorre geralmente à metodologia de análise de conteúdo, que é definida por Krippendorff (1980) como “uma técnica de pesquisa para fazer inferências válidas e

replicáveis dos dados para o seu contexto”. Explicitando melhor sua definição o autor afirma que a análise de conteúdo pode caracterizar-se como um método de investigação do conteúdo simbólico das mensagens. Essas mensagens, diz ele, podem ser abordadas de diferentes formas e sob inúmeros ângulos. O enfoque da interpretação também pode variar. Alguns poderão trabalhar os aspectos políticos da comunicação, outros os aspectos psicológicos, outros, ainda, os literários, os filosóficos, os éticos e assim por diante (Idem, pg. 41).

Os registros dos progressos da pesquisa também são um aspecto muito importante para o uso adequado desta técnica. Entretanto,

Aqui também pode haver muitas variações. Alguns preferirão ir fazendo anotações à margem do próprio material analisado, outros utilizaram esquemas, diagramas e outras formas de síntese da comunicação. (Idem, pg. 42)

Finalmente,

Baseado naquilo que já obtive, o pesquisador volta a examinar o material no intuito de aumentar o seu conhecimento, descobrir novos ângulos e aprofundar sua visão. Pode, ainda, explorar as ligações entre os vários itens, tentando estabelecer relações e associações e passando então a combiná-los, separá-los ou reorganizá-los. Finalmente, o pesquisador procura ampliar o campo de informação identificando os elementos emergentes que precisam ser mais aprofundados (Idem, pg. 43).

A técnica de análise documental é um procedimento que exige grande responsabilidade do pesquisador, mas que, se aplicada com rigor, é uma técnica muito efetiva, de baixo custo e que está perfeitamente adequada aos objetivos deste projeto.

4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARNAUD, P. *International Sports before 1918*. In ARNAUD, P. & RIORDAN J. *Sports and International Politics*. London: E & FN Spon, 1998.

DUNNING, E. *Sport Matters: Sociological Studies of Sport, Violence and Civilization*. London: Routledge, 2001.

DUNNING, E. & MURPHY, P. & WILLIAMS, J. *The Roots of Football Hooliganism*. London: Routledge, 1988.

GUTTMANN, A. *The Olympics: A History of the Modern Games*. Chicago: University of Illinois Press, 2002.

_____. *International Sports in Germany after 1918*, in ARNAUD, P. & RIORDAN J. *Sports and International Politics*. London: E & FN Spon, 1998.

KRÜGER, A. *The Nazi Olympics*. in ARNAUD, P. & RIORDAN J. *Sports and International Politics*. London: E & FN Spon, 1998.

HOULIHAN, B. *Politics and Sports*. in COAKLEY, J. & DUNNING, E. *Handbook of Sports Studies*. London: Sage Publications, 2000.

- LATORTUE, G. *Futebol da Paz*. Entrevista concedida para A. Smolczyk da revista Der Spiegel, publicado em 20 de Agosto de 2004, adaptado pelo Ministério das Relações Exteriores, disponível em http://www.mre.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=550&Itemid=397. Acesso em 14 de Fevereiro de 2010.
- LÜDKE, M. & ANDRE, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- PERES, S. *Discurso do Presidente de Israel, Shimon Peres, para o Parlamento brasileiro*. Em 17 de Novembro de 2009, disponível em <http://www.pletz.com/blog/discurso-do-presidente-de-israel-shimon-peres-para-o-parlamento-brasileiro>. Acesso em 24 de Fevereiro de 2010.
- SADER, E. *O que faz o Brasil no Haiti?* Silver City: Programa de las Américas Interhemispheric Resource Center, em 23 de Junho de 2004.
- SILVA L. *Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de sanção da Lei da Timemania*. 14 de Setembro de 2006, disponível em http://www.info.planalto.gov.br/exec/inf_discursosdata1.cfm. Acesso em 25 de Fevereiro de 2010.
- _____. *Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na sessão solene extraordinária do Congresso Nacional de Quito, Equador*. 25 de Setembro de 2004, disponível em <http://mundorama.net/2004/08/25/discurso-do-presidente-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva-na-sessao-solene-extraordinaria-do-congresso-nacional-quito-equador-25082004>. Acesso em 25 de Fevereiro de 2010.
- _____. Entrevista do Programa Café com o Presidente. Dia 23 de Novembro de 2009, disponível em <http://www.politicaexterna.com/archives/tag/diplomacia-do-futebol>. Acesso em 28 de Fevereiro de 2010. Transcrito por mim.
- STRECK, A. *Diplomats on Tracksuits: The role of sport in the Foreign Policy of the German Democratic Republic*. Los Angeles: Journal of Sport & Social Issues, Vol. 4, No. 1, 34-45, 1980.
- TIEDEMANN, C. *Fight / Battle, Violence and Agression in Sport and Culture of Human Motion*. Sevilla: CESH Congress, 2005.
- YIN, R. *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*. Porto Alegre, Bookman, 2005.